

# PERCEPÇÃO DO COMPORTAMENTO TRÓFICO DO SARIGUÊ (*DIDELPHIS*) PELOS MORADORES URBANOS DE FEIRA DE SANTANA (BA), BRASIL

Mônica Costa de Abreu<sup>\*</sup> e José Geraldo Wanderley Marques<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana, BA.

## RESUMO:

Com este estudo procurou-se obter informações sobre o comportamento trófico dos sariguês (*Didelphis*) na área urbana do município de Feira de Santana (Ba), de acordo com as informações relatadas pelos moradores locais. Foram realizadas 50 entrevistas sendo, 32 semi-estruturadas e 18 visualmente estimuladas. Os resultados indicam que os moradores têm uma boa percepção a respeito do comportamento trófico dos sariguês em ambiente urbano. Os dados obtidos nesse trabalho demonstram que com o avanço acelerado dos processos urbanos, torna-se urgente que nossa atenção esteja voltada para a realidade urbana sob uma perspectiva etnozoológica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Comportamento trófico, *Didelphis*, ambiente urbano, etnozologia.

## ABSTRACT

This study sought to obtain information on the trophic behavior of sariguês (*Didelphis*) in the urban area of the municipality of Feira de Santana (BA), according to information reported by local residents. 50 interviews were conducted with 32 semi-structured and 18 visually stimulated. The results indicate that residents have a good perception of the trophic behavior of sariguês in urban environment. The data obtained in this work show that with the rapid advancement of urban processes, it is urgent that our attention is focused on the urban reality in a etnozoológica perspective.

**KEY WORDS:** Trophic behavior, *Didelphis*, urban environment, ethnozoology

## 1. INTRODUÇÃO:

A fauna silvestre aos poucos vem se tornando parte da paisagem das cidades em muitos países (KRUUS, 2002; SACHS, 1993). Talvez isso aconteça pelas semelhanças estruturais que este ambiente apresenta (KRAUSE, 2011). Muito dessa dependência animal com as cidades ainda encontra-se em desenvolvimento, porém há uma forte tendência para populações acompanharem a atual expansão urbana e ocuparem um novo e promissor hábitat (KRUUS, 2002).

Esse desenvolvimento urbano acompanhado pela adaptação acelerada das populações de animais silvestres para as condições urbanas específicas foi

---

<sup>\*</sup>End. para correspondência: Laboratório de Etnobiologia (LETNO), LABIO sala 4. Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana. Av. Universitária, s/n - Km 03 da BR 116, Campus Universitário. CEP: 44031-460. Feira de Santana - BA – Brasil. E-mail: monika.abreu@yahoo.com.br

nomeado como "*sinurbização*", que significa muitas vezes a resposta de novas espécies animais colonizando cidades. O termo *sinurbização* é uma tradução do inglês *synurbization*, que por sua vez é a junção de *synanthropic* (sinantropia) com *urbanization* (urbanização) (LUNIAK, 2004).

Com os desmatamentos, os animais silvestres têm se aproximado cada vez mais das áreas urbanas, assim adquirindo hábitos sinantrópicos (SANCHES, 2009). Estudos sobre os hábitos alimentares de sariguês em meio florestal tem aumentado nos últimos anos (SARTORI *et al.*, 2006), porém pesquisas específicas sobre o conhecimento popular em relação ao comportamento trófico desses animais em ambiente urbano ainda são poucos compreendidos.

Populações em processo de *sinurbização* mostram importantes diferenças ecológicas e comportamentais, quando comparadas com populações da mesma espécie que vivem em seus habitats naturais não-urbanos. Entre as características mais típicas da *sinurbização* podemos citar: maior densidade de população, menor comportamento migratório, estação reprodutiva prolongada (proles mesmo no inverno) e outras mudanças na ecologia da reprodução, atividades do ritmo circadiano modificada, mudanças na dieta e no comportamento de forrageamento, aumento da agressão intra-específica, mansidão para com o homem e várias adaptações para o comportamento humano (LUNIAK, 2004).

Este trabalho justifica-se a partir de que a maioria dos estudos etnobiológicos ainda se concentram em populações tradicionais; com o avanço acelerado dos processos urbanos, torna-se urgente que nossa atenção esteja voltada para a realidade urbana sob uma perspectiva etnozoológica. Podemos notar claramente, que o meio ambiente foi alterado de forma radical pela fundação das cidades, e devido a isto os estudos neste ambiente podem ajudar as pessoas a verem as cidades como um ecossistema, assim preservando a fauna que vem se apresentando crescente nesse ambiente.

Nas áreas urbanas, as pessoas desenvolvem e acumulam ativamente conhecimentos do dia-a-dia sobre fenômenos biológicos, o que está

suficientemente comprovado por DOUGLAS & ATRAN (1999), as quais cunharam, para tal atividade cognitiva, o termo *folk ecology*. Por sua vez OVERAL (1990) chamou atenção para a necessidade de estudos etnozoológicos em contextos não apenas indígenas, mas também naqueles modernos e industriais.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

### **2.1. Área de estudo**

O estudo foi desenvolvido na cidade de Feira de Santana que está situada em uma zona intermediária entre o litoral úmido (zona da mata) e o interior semi-árido (sertão) (SANTO, 2003). Localiza-se a 12°16'00" de latitude sul e 38°58'00" de longitude oeste, a uma altitude de 234 metros (IBGE, 2011) no agreste baiano. A área de estudo apresenta uma diversidade de populações de animais silvestres em processo de sinurbização, como foi representado no trabalho de MARQUES (2005), que inclui dados referentes a observação da convivência de pessoas com o mamífero *Didelphis albiventris* (sariguê) e com a ave *Fluvicola nengeta* (lavandeira) no ecossistema urbano do município.

### **2.2. Procedimentos**

As atividades de campo iniciaram-se em fevereiro de 2012 e se estenderam até agosto do mesmo ano. A pesquisa foi desenvolvida em três pontos de grande circulação de pessoas na cidade de Feira de Santana; Centro de Abastecimento, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Mercado de Artes, sendo que todos os três pontos encontram-se no perímetro urbano do município.

As entrevistas foram realizadas com pessoas de diferentes grupos humanos (homens e mulheres, jovens e adultos) maiores de 18 anos, que residem na cidade de Feira de Santana há três anos ou mais. No total foram entrevistadas 50 pessoas, com idade entre 18 e 74 anos. A amostragem foi realizada por método não-probabilístico, em parte recorrendo-se ao tipo amostral acidental.

As entrevistas foram gravadas utilizando gravador digital e transcritas de forma *verbatim* (transcrição que reproduz o mais fielmente cada palavra dita), foram realizadas 32 entrevistas semi-estruturadas com os moradores; para isso utilizou-se um roteiro com perguntas pré-estabelecidas, em seguida, foram realizadas 18 entrevistas visualmente estimuladas, onde a pesquisadora apresentou um *kit* fotográfico contendo 10 fotos de sariguês em diferentes situações às pessoas, pedindo que as mesmas falassem livremente sobre suas experiências em relação ao animal.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa (MAXWELL, 1996). O conjunto das informações foi tratado como “sujeito coletivo” (LEFÉVRE, 2000) realçando também as discrepâncias. Também foi utilizada a técnica da “união das diversas competências” de WERNER & FENTON (1973). No entanto, a de “informação reunida em partículas” de EVANS-PRITCHARD (2007), que considera cada informante como uma fonte de conhecimento também foi empregada. Os dados relevantes foram analisados por meio de quantificação parcimoniosa das informações obtidas, assim sendo representadas apenas por estatística descritiva.

### **2.3. Resultados e Discussões**

Os sariguês são animais oportunistas de hábito alimentar onívoro, o que permite à esses indivíduos uma dieta mais generalista, porém os entrevistados ao descreverem, o tipo de alimentação dos sariguês foi possível perceber alguns comportamentos alimentares interessantes, como por exemplo a forma que os sariguês capturaram aves domésticas como narram os entrevistados nos trechos abaixo:

O sariguê entra na gaiola, chega e com a cauda, a parte lisa da cauda é a que ele pega os passarinhos... Então ele coloca a cauda dentro da gaiola, aí o passarinho começa a se bater e ele arrasta, aí só come a cabeça (Seo D., 65 anos).

Ele colocava o rabo na gaiola e puxava o passarinho. Ele tem um rabo grande da miséria, maior que ele (Seo J., 49 anos).

Em ambientes florestais, os sariguês utilizam sua cauda para enrola-se em redor dos galhos similarmente aos símios<sup>1</sup> (von IHERING, 1968), é comum populações em processo de sinurbização terem o comportamento alimentar modificado, utilizando novas estratégias de forrageamento (LUNIAK, 2004). Outro comportamento também percebido pelos entrevistados foi o dos sariguês só se alimentarem da cabeça das aves:

Do pinto só ele só come a cabeça, deixava o corpo todo e só comia a cabeça (Dona V., 74 anos).

Eu crio galinhas, ai eles vem pertubar as galinhas. Semana passada mesmo ele matou dois pintinhos, mas ele só comeu a cabeça e deixou o corpo” (Seo D., 65 anos).

Lá em minha casa tem criação de galinha, e ai tava aparecendo alguns pintos mortos e sem cabeça. As vezes a gente pensava que era rato, mas os restos dos pintos estavam aparecendo em um lugar assim, tipo em cima, em um lugar alto. Ai meu pai disse que era um sariguê que tava matando esses pintos (H., 19 anos).

Esse comportamento predatório de comer apenas a cabeça das aves provavelmente pode está correlacionado com o fator nutricional que está estrutura possui ou pelo hábito alimentar dos *Didelphis* de gostarem de comer carne em estado de semi-decomposição (FREITAS *et al.*, 2005), o que acarretaria a preservação do animal predado no percusso para o abrigo com a finalidade de alimentar a sua prole.

Quando ele come e enche o “papo” ele para e larga lá. Ele mata, ele quer acabar com tudo. Mas as vezes ele tá em ninhada, quando ele tá em reprodução, ele ainda leva pros filhotes e larga o resto lá. Vem buscar depois e ai fica naquela correria (Seo J., 62 anos).

Outros comportamentos que também foram citados, foi o do sariguê furar os ovos das galinhas e bebe-lós, e assim tirando proveito do alimento e enganando os donos das aves, o comportamento de furar o pescoço de suas presas e sugar o sangue ou todo o seu conteúdo interno também foi relatado:

O danado fura os ovos e deixa no lugar, no outro dia quando vai olhar tá vazio os ovos (S., 32 anos)

---

<sup>1</sup> Designação geral em zoologia para as espécies da ordem dos primatas atuais e extintos.

Ele pega o pinto, suga pelo fundo do pinto, suga o material que ele tem. Larga lá, aí tipo se tiver um ovo ele fura o ovo chupa todo o material que está dentro dos ovos, e deixa o resto do ovo lá inteiro, você pensa que o ovo tá inteiro e só fica a combuca só. “Mônica: Então ele não come o pinto?” Não ele só faz sugar o material que tem dentro do pinto, as vísceras, o sangue (Seo J., 62 anos).

Os atos de agressividade com as galinhas para obter os ovos também foram narrados pelos entrevistados:

Ele chegava a comer o “overo” da galinha, como se fosse a cloaca da galinha, até chegar aos ovos que tavam dentro (E., 28 anos).

Ele matou a galinha pra tirar o ovo do ninho. Ele comeu a galinha todinha de um lado só por que a galinha não quis sair do ninho. Ele comeu um lado da galinha todinho, até chegar aos ovos, a galinha não morreu na hora, ficou uns três dias ainda viva com o lado todo comido, depois morreu. Dava pra ver todos os ossos da costela. Ele comeu a metade da galinha, só pra ela tirar, sair e ele comer os ovos, só que ela não saiu. Ela morreu no ninho e os ovos eu encontrei furado. Ele bebeu os ovos. Ele faz o buraco, bebe e deixa a casca do ovo lá interinha. Faz só o buraquinho (Dona D. 62 anos).

Os sariguês são animais conhecidos pela sua predileção por sangue e pelos seus atos agressivos com as presas, sendo esses hábitos citados por vários autores (SANTOS, 1984; NOMURA, 1996; MARQUES, 2005; ROSSI *et al.*, 2006; REIS *et al.*, 2006), por esse motivo geralmente são espancados e mortos (GARDNER, 2005).

### 3. AGRADECIMENTOS

Este trabalho deriva da dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - 2013. Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Zoologia da UEFS; aos moradores urbanos de Feira de Santana que participaram das entrevistas pela colaboração; M. C. Abreu agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão da bolsa de mestrado.

### 4. REFERÊNCIAS

DOUGLAS, M.; ATRAN, S. 1999. **Folkecology and Commons Management in the Maya Lowlands**. Proceedings of the National Academy of Science. p. 96 - 98.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2007. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. Ed. Perspectiva. p. 278. São Paulo.

FREITAS, M. A.; SILVA, T. F. S. 2005. **Ordem Didelphimorphia-Família Didelphidae**. Guia Ilustrado- Mamíferos na Bahia: Espécies Continentais. Coleção Manuais de Campo USEB, Ed. USEB, nº7. p. 45-47. Pelotas, Rio Grande do Sul.

GARDNER, A. L. 2005. **Order Didelphimorphia**. Mammal species of the world. 2<sup>a</sup> ed. D. E. Wilson e D. M. Reeder (org.). Smithsonian Institution Press. Washington, DC. p: 15-23.

IBGE; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades da Bahia**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > Acesso em: 18 de Março de 2011

von IHERING, R. 1968. **Quadro de Sinônimos**. Dicionário dos Animais do Brasil. Editora UNB. p.313 – 317.

KRAUSE, M. 2011. **Vida Selvagem**. National Geographic. n.131, Ano 11, p.14.

KRUUS, H. 2002; **Anti-Predator Behaviour of Hoofed Mammals** , Hunter and Hunted: Relationships Between Carnivores and People.University of Cambridge. p.170 – 206

LEFEVRE, F. 2000. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS. p. 138.

LUNIAK, M. 2004. **Synurbization – adaptation of animal wildlife to urban development**. Proceedings 4th International Urban Wildlife Symposium. p.50 – 56, Shaw et al., Eds.

MARQUES, J. G. W. 2005. **O Pássaro Sagrado e o Cavalo do Cão (Biodiversidade e Catolicismo popular no Brasil)**. Tese de Pós Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

MAXWELL, J. A. 1996. **Qualitative research design: an interactive approach**. Thousand Oaks, CA. Sage Publications.

OVERAL, W. L. 1990. **Introduction to ethnozoology: what it is or could be**. In: Posey, D. A. & Overal, W. L. (orgs.). Ethnobiology: implications and applications. MPEG, Belém, Brasil, p.127-129.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. 2006. **Família Didelphidae**. Mamíferos do Brasil. Nélio R. Reis, Londrina, Brasil, p. 27 – 35.

SACHS, I. 1993. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel fundação do Desenvolvimento Administrativo.

SANCHES, V.Q.A.; GOMES, M.M.A.; PASSOS, F.C.; GRACIOLLI, G. 2009. **Área de vida de *Didelphis albiventris* (Marsupialia, Didelphidae) em uma ilha do Rio Paraná, Brasil.** Anais do III Congresso Latino Americano de Ecologia. São Lourenço – Minas Gerais.

SANTO, S. M. 2003. **Urban development in Feira de Santana (Bahia).** *Sitientibus*. n° 28, p. 9-20.

SANTOS, E. 1984. **Os gambás e seus modestos parentes (marsupiais).** Entre o gambá e o macaco. Vol. 6. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte, Brasil. p. 13-18.

WERNER, O & J. FENTON. 1973. **Method and theory in ethnoecology or ethnoepistemology.** Columbia University Press, New York.

WILSON, E. O. 1989. **Biofilia.** Fondo de Cultura Económica, México, D.F.,